Algumas obras publicadas pela Presença

PARA CONHECER E VIVER AS VERDADES DA FÉ
José Pedro Galvão de Sousa

O LUAR POTIGUAR – Poemas
Homero Homem

TERRA ILUMINADA – PAÍS DO NÃO CHOVE – LÁ FUNDAMENTAL – Poemas
Homero Homem

MADUREZ NO PANTANAL
Orlando Antunes Batista

O ESPAÇO DA ESPERANÇA – Poemas
Orlando Antunes Batista

ELEMENTOS DE CIÊNCIA SOCIOLÓGICA
Paulo Cesar Milani Guimarães

DIREITO NATURAL E DIREITO CRISTÃO
José Pedro Galvão de Sousa

RESUMO DA DOUTRINA SOCIAL CRISTÃ
J. Messner

DISCURSO TEOLÓGICO
Paulo Cesar Milani Guimarães

O PEQUENO GUIA GALILEU
Maria Cecilia Niemeyer Scatena

SEM RESSURREIÇÃO AO TERCEIRO DIA
Luísa Martínez

OS SANTOS E SUAS LIÇÕES
Maria de Lourdes Ganzarolli de Oliveira

O ENTE E A ESSÊNCIA
S. Tomás de Aquino

COLONIZAÇÃO E EVANGELHO
Joseph Hoffner

STANISLAVS LADUSĀNS

ORIGINALIDADE CRISTÃ DA FILOSOFIA

TEMA ATUAL 72 ESPECIAL

2ª edição AUMENTADA

201
L158o
2.ed

PRESENÇA

COLEÇÃO TEMA ATUAL
72 (2.ª edição aumentada)
ESPECIAL

PROF. DR. STANISLAVS LADUSÃNS S.I.

DIRETOR DO CONJUNTO DE PESQUISA FILOSÓFICA (CONPEFIL)
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CATÓLICA INTERAMERICANA
DE FILOSOFIA (ACIF)

ORIGINALIDADE CRISTÃ DA FILOSOFIA

2.ª edição
aumentada

PRESENÇA
Rio de Janeiro
1985

Capa
HERALDO B. LISBOA

Composição e arte-final
LUIZ FLÁVIO VON RONDOW

432
201
L158o
2. ed.

PRESENÇA EDIÇÕES
Rua do Catete, 204 - Grupo 302 – Tel.: 225-1947
22.220 Rio de Janeiro, RJ – Brasil

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

04/12/01

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA DO AUTOR / *6*

I – ORIGINALIDADE CRISTÃ DA FILOSOFIA / *7*

II – PRIMEIRO CONGRESSO MUNDIAL DE FILOSOFIA CRISTÃ / *24*

III – DIÁLOGO ENTRE OS FILÓSOFOS CRISTÃOS E OS FÍSICOS / *29*

DEDICATÓRIA

Dedico, respeitosamente, a segunda edição do presente opúsculo, aumentada, aos promotores e amigos do movimento filosófico-cristão, iniciado em 1970 no Brasil e estendido, em seguida, a toda a América, comemorando com júbilo, em 1985, os seus 15 anos de fecundas atividades filosóficas: 1970-1985.

Rio de Janeiro, RJ, CONPEFIL, janeiro de 1985

O AUTOR

I

ORIGINALIDADE CRISTÃ DA FILOSOFIA*

1. O PROBLEMA

O problema suscitado pelo presente tema é candente, hoje, apesar dos debates dos anos 30 entre os filósofos famosos na Europa sobre a filosofia cristã.[1] Que significa este problema, importante para o cristão no mundo atual?

Desenvolvendo uma reflexão filosofológica, isto é, uma reflexão filosófica sobre a filosofia, na perspectiva do tema geral do Primeiro Congresso Mundial de Filosofia Cristã – a Filosofia do Cristão, Hoje –, o dito problema impõe-se em termos nítidos: existindo e operando hoje, como ontem, o cristão, e precisando ele, como ser racional, de filosofia, que tipo de filosofia então ele deve abraçar, para não atraiçoar a sua fé? Qualquer tipo, mesmo aquela filosofia que seguem os não-cristãos, os anticristãos, ou uma filosofia diferente, de caráter novo ou original? Querendo ser fiel às exigências racionais da filosofia e, ao mesmo tempo, às exigências de sua fé, não cai o cristão num equívoco lamentável, numa contradição? Com outras palavras: existe uma legítima originalidade cristã da filosofia, e, se existe, em que ela consiste?

Por originalidade entendemos aqui a novidade, que pode ser legítima na filosofia, significando seja a novidade de conteúdos inteligíveis, seja denotando a novidade de uma maneira consciente de filosofar, quer pessoal, quer conscientemente agrupada e responsável.[2]

---

* Comunicação pronunciada pelo Prof. Ladusãns no Primeiro Congresso Mundial de Filosofia Cristã, publicada nas atas desse Congresso (*La filosofia del cristiano, hoy*, 1.º vol., p. 197-216).

[1] Sobre esta discussão prolongada, centrada inicialmente na questão da possibilidade de uma filosofia cristã e ampliada em seguida, tratando da relação entre a pesquisa filosófica e a revelação cristã, existe uma bibliografia vastíssima, que se encontra indicada minuciosamente em dois livros, subsídios da presente investigação: 1.º) Antonio Livi, *Il critianesimo nella filosofia*, L. U. Japarde, L'Aquila, Itália, 1969, p. 190; 2.º) Carmelo Nicolosi, *Fede cristiana e riflessione filosofica*, Roma, Ed. La Rocca, 1972, p. 341. É interessante a respeito o volume *Il senso della filosofia cristiana, oggi*, Brescia, Morcelliana, 1978, p. 350. Esta obra contém as Atas do 32.º Encontro do Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, realizado em 1977. Veja também: *Pensamento parcial e total*, obra coletiva, coordenada pelo Prof. Dr. Pe. Stanislavs Ladusãns S.I., Edições Loyola, São Paulo, Brasil, p. 294 (cf. principalmente as p. 145-188 e 288-289).

[2] Cf. Leonardo van Acker, em Criatividade na Filosofia, ensaio publicado na revista *Presença Filosófica*, conjunto de 1975, p. 259-263.

O problema formulado sobre a originalidade cristã da filosofia faz entender logo que ele visa primordialmente a relação entre a razão filosófica e a revelação cristã, entre a razão e a fé, não em abstrato, mas em concreto, tendo em consideração a pessoa existente do cristão. Este problema complexo e crucial, em todos os séculos, após o advento do cristianismo, costuma ter hoje várias outras formas de expressão, como, por exemplo, quando se move a questão sobre a cultura e a fé cristã, sobre a comunidade política e a Igreja, sobre a universalidade e a fé, etc.[3]

Porém, a pergunta acima enunciada, que envolve em cheio a questão do relacionamento da razão filosófica e da fé cristã, não está em desarmonia com as formulações problemáticas ora mencionadas, mais ou menos diferentes do questionar em pauta, porque ela é fundamental para a solução de todas aquelas questões, vitais e importantes para os nossos tempos. Mais: o assunto abordado pela presente comunicação sintoniza de um modo especial com a encíclica *Aeterni Patris*, de Leão XIII, que, tratando sobre a filosofia cristã,[4] propõe Santo Tomás de Aquino como filósofo a ser seguido principalmente para continuar e renovar as análises e a síntese global do pensamento cristão, tendo em vista as novas exigências no campo filosófico e científico-experimental, conforme o lema do sadio progresso, contido na mencionada encíclica: "vetera novis augere et perficere" ("aumentar e aperfeiçoar o antigo pelo novo").

2. APROXIMAÇÃO PARA A SOLUÇÃO DO PROBLEMA

Um dos termos fundamentais do problema colocado é a razão filosófica. De que razão se trata aqui? Não de uma razão em abstrato, ser ideal, que não existe na realidade, nem como faculdade cognoscitiva, nem como atividade cognoscente. O que existe como agente pensante é a pessoa humana concreta. E quem faz a filosofia não é a razão independente da pessoa, mas a pessoa existente por meio de sua razão. Toda e qualquer concepção filosófica, antes de ser escrita num volume ou numa série de volumes, é uma ciência consciente de um filósofo existente concreto e, depois de ser comunicada, volta a ser filosofia quando fica entendida por pessoas viventes crítica e conscientemente, baseando-se na evidência objetiva. É o homem concreto, ser racional, detentor de uma certa experiência, que filosofa, e ele não é a razão pura. Por isso, a filosofia que busca as últimas soluções das últimas questões é uma obra essencialmente humana, que se

[3] Cf. a constituição *Gaudium et Spes*, Concílio Vaticano II, 1965, n.os 53-62 e 73-76; *Evangelii Nuntiandi*, exortação de Paulo VI, 1975, n.º 20; *Sapientia Christiana*, constituição apostólica de João Paulo II, 1979, etc.

[4] Leão XIII, Epístola-Encíclica, 4 – VIII – 1879, Roma, publicada em latim na forma de um opúsculo de 48 páginas, 1879 (hoje, portanto, histórico, sendo centenário; usado aqui para as citações); em Acta Sanctae Sedis, vol. XII, 1, p. 103-134; publicada em Leonis XIII Pontificis Maximi Acta, vol. I, Romae, ex-Typographia Vaticana, 1881, p. 255-284, como *Epistola encyclica de philosophia christiana ad mentem Sancti Thomae Doctoris Angelici in scholis catholicis instauranda*; Civilità Cattolica, 1879, vol. XI, série 10, p. 513-550.

explica não só pelas causas específicas do conhecimento, mas também por outros fatores e condições do homem todo, concreto e histórico, sujeito às influências dos sentidos, da vontade, do sentimento, do tempo, da terra, da nação, da educação recebida, da literatura nacional, da religião, etc. Como o nosso filosofar não se dá sem o nosso *eu*, assim o nosso *eu* não existe senão ligado às circunstâncias concretas, que constituem, num certo sentido, os pressupostos para a atividade racional filosófica. Tudo isso devemos ter em consideração no caso do cristão filósofo. Assim, entramos numa breve ilustração da fé cristã, outro termo fundamental e um pressuposto indispensável para a solução do problema sobre a originalidade cristã da filosofia.

No homem cristão pensador encontram-se, numa unidade concreta, o filosofar, que é uma atividade natural, e a fé sobrenatural, que significa uma adesão a Jesus Cristo e à Sua doutrina de salvação. Em virtude da fé, o cristão aceita não só aquelas verdades que a inteligência humana não pode atingir por si mesma, mas também não poucas outras, que são acessíveis à razão à base da evidência objetiva, a fim de que elas possam ser conhecidas por todos, em virtude da autoridade de Deus revelante, com uma facilidade rápida e sem mistura alguma de erro.[5]

Porém, a adesão do homem às verdades reveladas não pode ser fideística ou cega, sem motivos racionais. Por isso, o cristão deve adquirir a certeza referente ao fato histórico da revelação divina e ao órgão destinado por Deus (a Igreja) para conservar, propagar e defender o patrimônio das verdades reveladas. O ato da fé cristã pressupõe, pois, a busca das razões de crer, dos motivos da credibilidade, que são, em grande parte, de caráter filosófico, como a capacidade de conhecer a verdade, o conhecimento do ser e da providência de Deus, criação do universo, discernimento da verdadeira religião revelada, liberdade e responsabilidade do homem perante Deus, a onisciência e santidade absoluta de Deus. Porém, aquela certeza, exigida pela adesão perfeita do cristão à revelação divina, baseada nas verdades racionais, não constitui o motivo suficiente para o ato da fé, que é formalmente um ato intelectual. É apenas um pré-requisito para que o ato da fé cristã harmonize com a razão natural. O motivo do ato da fé crista é a autoridade de Deus revelante, enquanto ela é a Primeira Verdade no conhecer e no manifestar o conhecimento, isto é, a ciência absolutamente infalível e a veracidade absoluta. Assim, pois, o cristão assegura a racionalidade da sua fé sobrenatural, mas não racionaliza esta fé, superando o fideísmo e o racionalismo. Descobre também a obrigação de crer.

Resultam, assim brevemente ilustrados, os dois pontos básicos, que aproximam à solução do problema sobre a originalidade cristã da filosofia. Mais! A esta altura, concluindo, é já possível colher o primeiro fruto da investigação, pois resulta que, sendo o homem num certo modo naturalmente cristão, conforme a tese de Tertuliano, a filosofia é também, de algum modo, naturalmente cristã. Que significa isto? Significa uma propriedade especial da filosofia, que não pos-

[5] *Aeterni Patris*, opúsculo histórico citado, p. 8.

suem as ciências matemático-experimentais e técnicas. Dado o fato histórico da revelação divina, o dinamismo filosófico natural do homem não cria obstáculos contra a aceitação do dom da salvação, que vem do Alto, mas abre e dispõe a mente humana, de algum modo positivamente, para o encontro com o cristianismo. Por isso, Leão XIII na *Aeterni Patris* declara que "a filosofia, quando usada devidamente por pessoas sensatas, tem a virtude de abrir e de aplanar, de alguma maneira, o caminho que leva à fé verdadeira, preparando, de modo conveniente, a mente de seus discípulos a aceitar a revelação: foi por isso que os antigos a chamavam, com razão, ora uma instituição preparatória para a fé cristã, ora o prelúdio e auxílio do cristianismo, ora o pedagogo para o Evangelho".[6] Precisamente neste sentido já resulta alguma originalidade cristã da filosofia: a razão filosófica do homem é naturalmente cristã. Por isso, a famosa expressão "inteligência em busca da fé" – "intellectus quaerens fidem" – possui também hoje todo seu vigor gnosiológico, metafísico e ético.

É isso que vale quanto ao cristão potencial, antes que a fé se instale na sua alma. E qual é a originalidade do filosofar do cristão crente, depois da presença atuante da fé? – surge a pergunta que nos leva para a nova fase da reflexão filosofológica.

3. A SEGUNDA DIMENSÃO DA ORIGINALIDADE CRISTÃ DA FILOSOFIA: O CAMINHO CRISTÃO DE FILOSOFAR

Após a aceitação do cristianismo, a pessoa, que professa e vive a fé cristã, se encontra numa nova situação concreta, que confere à filosofia uma nova originalidade, enquanto beneficia o exercício da razão filosófica. Podemos falar, por isso, da segunda dimensão da originalidade cristã da filosofia.

A reflexão filosofológica deve ser bem entendida nesta fase de sua articulação. Ela será totalmente equivocada se alguém sustentar a tese de que, seguindo a fé, o cristão não pode ser um filósofo autêntico. Este ídolo da auto-suficiência racionalista deve ser rejeitado pelo cristão. A sinceridade radical no filosofar não exige que o cristão se coloque neste apriorismo arbitrário paralisante, mas o coloca num estado correto e fecundo do filosofar, que consiste num exame crítico universal em relação aos conteúdos pré-filosóficos. Iniciando a atividade filosófica num certo momento de sua maturidade intelectual, o cristão aceita, em virtude do exame crítico universal, como inegável o que se manifesta evidente e indubitável; legitima o que se revela como legitimável; coloca em dúvida o que se encontra como duvidoso: rejeita como falso o que é errôneo.

[6] "Ac primo quidem philosophia, si rite a sapientibus usurpetur, iter ad veram fidem quodammodo sternere et munire valet, suorumque alumnorum animos ad revelationem suscipiendam convenienter praeparare: quamobrem a veteribus modo praevia ad christianam fidem institutio (Clem. Alex., Strom., lib. I, c. 16; I. VI, c. 3), modo christianismi praeludium et auxilium (Orig. ad Greg. Thaum.), modo ad Evangelium paedagogus (Clem. Alex., Strom., I, c. 5) non immerito appellata est". Aeterni Patris, p. 8.

Uma pergunta surge agora: procedendo assim criticamente, deve o cristão filósofo rejeitar a sua fé, como exige a mencionada posição racionalista, que confunde, equivocando-se, os pressupostos legítimos com preconceitos ilegítimos? . . . Não, porque o cristão tem consciência de que as verdades da fé têm sua fundamentação racional sólida e constitui, assim, um livre obséquio racional a Deus. Por conseguinte, a vida sobrenatural é para o cristão um pressuposto enriquecedor, pois é ela que purifica e eleva a vida natural, que contém em si, como uma dimensão fundamental, o dinamismo multiforme do filosofar. Como, então, a fé vivida – como um ponto de partida intocável e como um caminho – influencia o processo do filosofar? Como ela contribui originalmente para a filosofia?

Respondendo a esta pergunta, convém dizer logo que esta contribuição não significa a supressão da filosofia como inútil e prejudicial para a vida cristã. A fé não é antagônica à razão. A consciência intelectual atesta claramente ao cristão que sua condição de crente não lhe destrói o processo natural de abstrair o inteligível do sensível, de refletir, de julgar, de raciocinar e de operar naturalmente na investigação científica com as potências naturais da razão, da vontade, etc. Por isso, o filosofar não perde sua autonomia legítima. No processo de filosofar, o cristão não baseia suas afirmações ou negações nas verdades da fé, mas na evidência objetiva.

A contribuição original da fé cristã é de outro caráter. A fé vivida pelo cristão auxilia o filosofar, antes de tudo, num sentido purificador, enquanto remove os obstáculos que impedem o exercício da razão filosófica no seu gravitar para o real, a fim de descobrir as evidências profundas. O cristianismo proporciona ao filósofo, homem frágil por sua natureza, meios de ajuda sobrenatural, fortificando-o para que ele possa dedicar-se com seriedade e constância à sua tarefa, que exige grandes sacrifícios e grandes virtudes morais. A filosofia, para que chegue realmente à sua perfeição, exige não só um exímio talento natural, mas também a participação constante de altas virtudes do cristão todo, como personalidade, atuando e aguçando a razão ao máximo, procedendo realisticamente com ordem, analisando com penetração e sintetizando com coerência.

Quando um filósofo chega a viver realmente como cristão as bem-aventuranças do Sermão da Montanha,[7] ele consegue então sintonizar com a verdade numa maneira tão feliz que se cria nele uma co-naturalidade afetiva com tudo o que é verdadeiro. Esta co-naturalidade é vital para o progresso da filosofia nos dias de hoje, tão imediatistas, pragmáticos, passionais e sentimentais. Ela promove de uma maneira extraordinária a vida intelectual, também natural filosófica, como o explica amplamente Santo Tomás de Aquino, encontrando luzes em Aristóteles.[8] Os hábitos virtuosos facilitam o discernimento intelectual e defendem a investigação filosófica atualizada. Esse ponto constitui, pois, uma originalidade notável em relação ao filosofar. Tendo tudo isso na mente, Leão XIII é incisivo na *Aeterni Patris*, quando afirma que "aqueles que unem o estudo da filosofia com

[7] Mt., 5.
[8] Stanislavs Ladusāns S.I., revista *Presença Filosófica*, São Paulo, 1975, p. 32-35.

o obséquio à fé cristã são excelentes no filosofar".[9] Indica logo a razão disso num sentido existencial: "visto que o esplendor das verdades divinas, penetrando a alma, vem em auxílio da própria inteligência; longe de lhe tirar o que quer que seja da sua dignidiade, aumenta-lhe consideravelmente a nobreza, a penetração, a solidez".[10]

Qual é a razão desta originalidade cristã do filosofar? Ela tem sua explicação na coexistência – na pessoa concreta do cristão – do hábito filosófico natural, contraído pelos atos de filosofar, com o hábito sobrenatural da fé, raiz e fundamento da justificação, bem como com outros hábitos virtuosos que se originam em virtude da vivência religiosa. Esta coexistência estimula e promove, de maneira original, a atividade filosófica do cristão, como também a sua fé, nutrindo-a, defendendo-a,[11] conforme a famosa expressão de que a fé procura a inteligência ("fides quaerens intellectum"), como isso constará mais tarde, no item 5.º deste capítulo, ressaltando a quarta dimensão da originalidade cristã da filosofia. A experiência interna do cristão o testemunha infalivelmente. Em virtude da unidade substancial da pessoa humana, as potências, os hábitos e seus atos relacionam-se dinamicamente entre si, constituindo uma estrutura e conservando a diversidade de seus objetos formais, em benefício do homem todo, na perspectiva do seu fim último.

Por conseguinte, esta coexistência é consistente. Por isso, a atividade filosófica do cristão possui inegavelmente o caráter intrinsecamente racional ou a devida independência, pois o crente como filósofo não tem por objeto o que Deus revelou, mas as coisas cognoscíveis pela luz natural da razão. Se o crente procede na perspectiva da Divindade (SS. Trindade), que constitui o seu objeto formal, ele enquanto filósofo tem como ponto de vista os últimos princípios da realidade e da ordem lógica, cognoscíveis em virtude da evidência objetiva. Mesmo Deus é conhecido filosoficamente pelo cristão enquanto resplandece no universo como Legislador Supremo, Sumo Bem, Causa Primeira eficiente, Ser Subsistente imparticipado, Ordenador Supremo, etc. Se a luz do crente é a razão iluminada pela fé, a luz do cristão filósofo é a razão natural, isto é, o seu conhecimento fundamentado na evidência racional das coisas e nos primeiros princípios da ciência, evidentes em si e por si mesmos, sem nenhuma demonstração rigorosa. Se o objetivo do crente é descobrir o que foi exatamente revelado, o seu objetivo enquanto filósofo é buscar, encontrar e comunicar a verdade racional, gnosiológica, metafísica e ética.

[9] "Quapropter qui philosophiae studium cum obsequio fidei christianae coniungunt, ii optime phisolophantur." *Aeterni Patris*, p. 19.

[10] ". . . quandoquidem divinarum veritatum splendor, animo exceptus, ipsam iuvat intelligentiam; cui non modo nihil de dignitate detrahit, sed nobilitatis, acuminis, firmitatis plurimum addit". *Aeterni Patris*, p. 19. Veja também o texto de Leão XIII na p. 11 do dito opúsculo, que é o seguinte: "Quod si vera naturalis ratio optimam hanc doctrinae segetem prius fudit, quam Christi virtute fecundaretur, multo uberriorem certo progignet, posteaquam Salvatoris gratia nativas humanas mentis facultates instauravit et auxit."

[11] Santo Agostinho, *De Trinitate*, livro XIV, c. 1.

Existe, pois, uma harmonia nesta coexistência da razão filosófica e da fé cristã, que é consistente e possui a sua última razão explicativa em Deus. A última raiz ontológica da natureza racional do homem é Deus Criador, que não é diferente de Deus Salvador, Autor da ordem sobrenatural. É, pois, o mesmo Deus, em que se fundamentam, em última análise, a verdadeira razão filosófica do cristão e sua fé teológica, patenteando assim na sua raiz ontológica profunda a harmonia original do verdadeiro filosofar cristão.

A originalidade cristã da filosofia patenteia, do ponto de vista epistemológico, o caráter especial da influência que a razão filosofante recebe da parte da fé formada. Esta influência é positiva. Mais: ela é também de algum modo intrínseca. A razão disso é, primeiro, porque a cristianização da inteligência é intrínseca e não algo de extrínseco; segundo, porque o ato da fé e o ato cognoscitivo filosófico – que se influenciam mutuamente – se encontram formalmente no intelecto humano, embora cada um possuindo a sua estrutura epistemológica diferente. Conservando cada um a própria especificidade, resultante em virtude do respectivo objeto formal, aqueles atos se relacionam influenciando-se mutuamente apenas no plano do exercício, que é diferente do plano de especificação. Fica salvo, assim logicamente, o conceito de filosofia cristã como não-contraditório, porque a influência da fé sobre a razão se dá no plano do exercício e não no plano de especificação formal, como isso se verifica no caso da certeza livre, quando conhecendo suficientemente os motivos que bastam para que a inteligência dê o seu assentimento, se requer ainda, por razões práticas, o influxo da vontade, para que se removam os obstáculos e resulte a adesão intelectual firme. A autonomia ou independência da filosofia cristã como ciência racional está no plano da especificação formal e fica garantida, como Leão XIII declara na *Aeterni Patris*, dizendo que a filosofia cristã possui não o caráter teológico sobrenatural, mas o caráter da verdadeira filosofia, isto é, "o seu método, os seus princípios e os seus argumentos".[12]

Tudo isso, porém, não significa, como Leão XIII repetidamente insiste, que a razão deve ser separada no filosofar da fé, baseada na revelação divina, que é superior ao conhecimento humano. A filosofia não pode ser sacrificada ao ídolo da auto-suficiência racionalista e eximir-se dos pressupostos legítimos, entre os quais figura a fé cristã. Sujeitando-se à revelação divina, a razão filosófica recebe no seu exercício numerosas vantagens; separando-se hostilmente da fé, ela cai em

[12] "In iis autem doctrinarum capitibus, quae percipere humana intelligentia naturaliter potest, aequum plane est, sua methodo, suisque principiis et argumentis uti philosophiam: non ita tamen, ut auctoritati divinae sese audacter subtrahere videatur. Immo, cum constet, ea quae revelatione innotescunt, certa veritate pollere, et quae fidei adversantur pariter cum recta ratione pugnare, noverit philosophus catholicus se fidei simul et rationis iura violatorum, si conclusionem aliquam amplectatur, quam revelatae doctrinae repugnare intellexerit." *Aeterni Patris*, p. 17-18.

desvios. A história da filosofia o atesta claramente. Por isso, é justo ter hoje em consideração a lapidar expressão de Main de Biran, de que a inteligência deve buscar a inteligência por meio da fé cristã, que a proteje e orienta: "intellectus quaerens intellectum per fidem".[13]

Concluindo esta fase da presente pesquisa, é justo, pois, afirmar que a fé vivida constitui para o cristão uma via magnífica para a vida intelectual profunda e eficiente. É a fé cristã que o coloca em ótimas condições existenciais para exercer frutuosamente a razão filosófica, sem pressionar que se mude a essência racional da filosofia. Assim, no seu processo filosófico específico, a razão é levada a alcançar a legítima *secularização* em virtude da evidência objetiva racional que a determina, evitando, ao mesmo tempo, o *secularismo* que diz o afastamento da razão do cristianismo. É precisamente o cristianismo que proporciona ao filósofo novas circunstâncias concretas para a reflexão, um caminho novo dentro do pressuposto e universo da fé, sugerindo, como vamos ver em seguida expressamente, novos conteúdos a serem examinados racionalmente. Por isso, tem razão Pietro Prini, quando, concluindo em 1977 os prolongados debates do 32.º Encontro de Gallarate sobre o sentido da filosofia cristã, hoje, ressalta a genuína originalidade da filosofia, em virtude da influência que o cristão experimenta na sua vida intelectual profunda.[14]

No filosofar dos Padres da Igreja, dos Doutores Escolásticos e Neoescolásticos houve esta influência positiva da fé cristã, como a História o testemunha com clareza. Ela foi tão fecunda que precisamente dela deriva um aumento notável do patrimônio filosófico da humanidade, resultando tantos conteúdos novos, que hoje são muito atuais e concorrem para renovar todas as dimensões do autêntico humanismo, exigência urgente dos últimos vinte anos do trágico séc. XX, para que se evitem calamidades ainda maiores. Quais são precisamente estes conteúdos filosóficos originais? Esta pergunta inicia a nova fase da reflexão filosofológica.

[13] Carmelo Nicolosi, *Fede cristiana e riflessione filosofica*, 1972, p. 83. Cf. as páginas 69-96, onde o autor apresenta a tese de Ètienne Gilson sobre a revelação divina generadora da razão. Veja também as páginas 97-116 sobre o conceito de filosofia cristã na concepção de Jacques Maritain. Ambos estão sintonizando entre si. Trazem muitas e valiosas luzes para a presente solução da problemática filosofológica, que se orienta fundamentalmente pela encíclica *Aeterni Patris*, de Leão XIII, embora não aproveitada suficientemente na discussão dos anos trinta sobre a filosofia cristã.

[14] "La formula che io vorrei proporre e che costituirà il tema di una mia prossima ricerca è questa: la via cristiana alla filosofia. Nessuna filosofia è possibile se non si situa nella condizione esistenziale di chi la esercita. Il credente, a differenza dal non credente, ha il privilegio di vivere in un contesto di esperienza in cui il rapporto con la Trascendenza si fa manifesto nelle categorie dell'"esistenza storica. Questo contesto e queste categorie forniscono insieme i dati e la procedura ad una riflessione recuperatrice che puô e deve portare un contributo di genuina originalità alla filosofia tuot court, che non sopporta altri aggettivi all'infuori di quello della sua perennitá." Atas do 32.º Encontro do Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, p. 333.

4. A ORIGINALIDADE CRISTÃ DA FILOSOFIA EM VIRTUDE DOS NOVOS CONTEÚDOS

Um gigantesco movimento histórico do pensamento inovador, movimento filosófico patrístico-escolástico, de quase 20 séculos, constitui uma busca racional tenaz e lenta da filosofia perfeita. O resultado desta meditação coletiva prolongada é inegável: o advento da filosofia cristã, que é um conjunto de verdades racionais, descobertas, aprofundadas e ordenadas pela razão humana, graças àquele auxílio que ela recebeu da parte da Revelação de Deus. Este movimento filosófico, continuado sem interrupção, desde o primeiro século até os nossos dias, é amplo no espaço, tem suas raízes na filosofia grega, estendendo-se ainda mais no tempo. Tem o seu ponto mais alto na sistematização de Santo Tomás de Aquino (1225-1274), como Leão XIII (1810-1903) ressalta oficialmente na sua encíclica *Aeterni Patris*, que considera a melhor de seu pontificado de 25 anos. Surgiram, assim, novos conteúdos filosóficos, patrístico-escolásticos, irredutíveis à filosofia pré-cristã.

Esses conteúdos constituem o terceiro argumento para que a reflexão filosofológica possa corroborar ainda mais a tese sobre a originalidade cristã da filosofia. Este argumento resulta em virtude dos novos conteúdos filosóficos, alcançados pelos cristãos, com novas disposições espirituais, que autorizam a definir a filosofia cristã da seguinte maneira: a filosofia cristã é a filosofia existente na História, acrescida notavelmente pelos novos conteúdos originais, em virtude da influência do cristianismo.

Esses conteúdos — patrísticos, escolásticos e neoescolásticos — evidenciam o seu valor extraordinário para o homem, para a época atual, enquanto convergem de uma maneira orgânica e incisiva para fundamentar racionalmente o autêntico humanismo, que é pluridimensional, antropocêntrico apenas no sentido gnosiológico, mas teocêntrico do ponto de vista metafísico e ético. Como se articulam aqueles novos elementos filosóficos na estruturação do verdadeiro humanismo?

Em relação à dimensão gnosiológica do humanismo, a razão humana conscientizou-se melhor, sob a influência do cristianismo, que não pode encontrar em si mesma a salvação. A razão humana não pode endeusar-se: ela é limitada e não auto-suficiente. Por isso, não pode pretender mais do que pode. Sob a mesma influência cristã, a razão humana penetrou mais a fundo no seu valor natural cognoscitivo e no seu alcance vital na solução dos grandes problemas do homem. A dimensão gnosiológica é fundamental para a construção do autêntico humanismo, não só porque o *eu* humano é o centro consciente da ciência em todos os seus sentidos, mas também, como o cristão bem sabe, a razão humana desviada, como, por exemplo, pelo racionalismo ou idealismo absoluto, desvia a vida humana toda; a razão humana sadia beneficia grandemente o homem e o seu agir. Por isso, Leão XIII insiste na *Aeterni Patris* sobre a educação filosófica e

valorização da razão, que é um dom natural do homem, podendo ser deprimido ou também supervalorizado.[15]

Quanto à dimensão metafísica inter-humana do humanismo, a contribuição dos cristãos, iluminados pelos conteúdos da fé, foi tão grande e decisiva, já nos seis primeiros séculos, que resultou um conceito novo da pessoa humana. O filósofo pré-cristão não chegou a ter uma idéia clara do que seja a pessoa humana. Foram os mistérios revelados da SS. Trindade e da Encarnação do Verbo eterno que projetaram luzes sobre a especulação metafísica, a qual, tendo em vista a vida intelectiva, volitiva e a consciência do ser racional, o definiu como existente distinto na natureza racional, evidenciando, assim, aquela dignidade especial e única que o homem possui no universo material em virtude de sua alma espiritual e imortal. O homem não é mais coisa, instrumento, número, simples membro da coletividade, mas possui um valor intrínseco tão grande que abre, como sujeito de direitos e deveres, novos e fecundos horizontes para a vida econômica, política, social e cultural. A Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, de 1948, a Declaração dos Direitos das Crianças da ONU, de 1959, são dois exemplos inequívocos da penetração da doutrina filosófica dos cristãos dentro das estruturas do pensamento ocidental e oriental, oferecendo ao mundo atual trágico, sob o signo do cristianismo, benefícios imensos e indicando caminhos claros para a mútua compreensão e para a paz universal.

Também em relação à dimensão axiológica descensional do humanismo, o filosofar dos cristãos, orientados pela fé, abriu novas perspectivas para relacionar devidamente os valores materiais — técnicos, econômicos e outros afins — com a pessoa humana, superior a todos esses valores, tendo em vista o seu fim último transcendente. O cristão, como filósofo, encontra assim um modo novo de conceber o seu lugar no universo material, transcendendo o antropocentrismo terrestre e encontrando um humanismo novo. Conforme esta concepção filosófica nova, as coisas são criaturas de Deus transcendente, Ser total e absolutamente absoluto. Isso não diminui a realidade e o valor das coisas deste mundo, mas obriga a descobrir o seu sentido profundo, a respeitá-las, a agradecê-las como dons que vêm do Alto e a usá-las com indiferença ativa e superioridade de espírito, exigências da verdadeira felicidade humana.

Quanto à dimensão filosófica entre-humana ou horizontal do humanismo, o filosofar dos cristãos elaborou, sob a influência da fé, a nova filosofia da fraternidade humana, entendendo os seres humanos fundamentalmente iguais, enquanto têm a mesma origem, a mesma natureza e o mesmo fim último, bem como baseando a ordem econômica na ordem política sadia, a ordem política na ordem social nova, a ordem social na ordem jurídica, a ordem jurídica na ordem

[15] Veja, por exemplo, as p. 5-6 do opúsculo citado, onde Leão XIII diz: "Cum enim insitum homini natura sit, ut in agendo rationem ducem sequatur, si quid intelligentia peccat, in id et voluntas facile labitur: atque ita contingit, ut pravitas opinionum, quarum est in intelligentia sedes, in humanas actiones influat, easque pervertat. Ex adverso, si sana mens hominum fuerit, et solidis verisque principiis firmiter insistat, tum vero in publicum privatumque commodum plurima beneficia progignet."

moral e a ordem moral na ordem religiosa autêntica. Todos os homens possuem a mesma dignidade de pessoa. Por conseguinte, o outro não pode ser considerado como ser explorável, mas como próximo, fim em si, como irmão. A encíclica *Redemptor Hominis*, de João Paulo II, ilustra a fundo a dignidade humana, considerada em si e socialmente, alcançada através da Cruz do Calvário, fonte da salvação e da regeneração perfeita, que ressalta ainda mais a igualdade fundamental entre os homens e entre os povos. Esta é a nova ordem social do homem novo, que à luz do valor da pessoa humana reconhece e defende a dignidade da família, da sociedade nacional e da humanidade inteira.

Em relação à dimensão metafísica supra-humana ou ascencional do humanismo, a filosofia dos cristãos purificou e enriqueceu positivamente, sob a influência do cristianismo, a filosofia de Deus. O pensamento pré-cristão não chegou nunca a um conhecimento claro e nítido da transcendência de Deus, mesmo quando não identifica Deus com o mundo. Por isso, Deus não é, na concepção pré-cristã, plenamente divino, nem o mundo é plenamente mundano, como nem o homem é plenamente humano. Coexistem eternamente, formando um único sistema, onde vigora a mesma lei. A transcendência de Deus encontra a sua autenticidade só em virtude do cristianismo, pela metafísica do Ser Subsistente, da Primeira Causa eficiente, Criador livre do mundo "ex nihilo sui et subiecti". Deus é o Ser; as coisas e o homem têm o ser, existem. Assim, à base da participação e de outros sinais da contingência, o problema da origem encontrou a solução filosófica convincente, ficando clara uma transcendência relativa da pessoa humana em relação ao universo material. Deus, absolutamente transcendente e Criador livre, não precisa do mundo para ser feliz, mas somos nós que temos a necessidade do Ser Supremo e do Sumo Bem para existir, para agir e para ser mais alcançando a felicidade. A nova metafísica alarga assim os horizontes, em virtude do conhecimento análogo, que nos leva a sair do mundo categorial unívoco e a atingir com validez as realidades transcendentes. Não só a noção do ser, mas também outras noções importantes na filosofia renovada, como as noções de verdade, unidade, bondade, causa, ação, geração, vida, saber, amor, etc. foram libertadas das estreitezas graças à influência do cristianismo. Isto prova também que o cristianismo implica uma filosofia ampla, capaz de ser explicitada e sistematizada racionalmente.

Daí resulta uma abertura especial do cristão filósofo para a ordem sobrenatural, dom absolutamente gratuito de Deus, em busca de uma integração filosófico-teológica, conciliando harmoniosamente a razão e a fé, a natureza e a graça que transfigura o homem velho no homem novo, imagem viva de Cristo. Tomás de Aquino chegou a elaborar com originalidade consistente esta harmonia, na qual, "ao mesmo tempo que distingue perfeitamente, como convém, a razão e a fé, une-as ambas pelos laços de mútua amizade; conserva assim a cada

uma os seus direitos e salvaguarda a dignidade".[16] Mais! Demonstrou Tomás de Aquino que para criar com perfeição a síntese cristã original de tamanha envergadura filosófico-teológica não basta ter um gênio, mas se requer também a santidade de vida.

5. A QUARTA DIMENSÃO DA ORIGINALIDADE CRISTÃ DA FILOSOFIA: SEU CARÁTER INSTRUMENTAL DE SERVIÇO

Finalmente, o quarto sentido da originalidade cristã da filosofia consiste na sua disponibilidade variada para ser utilizada cientificamente como instrumento em benefício da revelação divina, feita para os homens – "proptes homines". Antes de tudo, a filosofia concorre para estruturar a ciência da fé, isto é, a teologia sobrenatural sistemática. Mais: esta originalidade manifesta-se também na defesa racional da fé cristã contra os ataques de índole filosófica, bem como na mediação, exigida hoje pelo diálogo do cristão com as atuais ciências experimentais, que se encontram num progresso vertiginoso.

A filosofia está à disposição do cristão como instrumento válido para desenvolver, com método, a reflexão racional sobre os dados históricos da revelação divina. A distinção perfeita entre a razão filosófica e a fé não impede que a filosofia ajude o cristão no seu esforço reflexivo de penetrar, mais e melhor, de uma maneira sistemática, no universo das verdades reveladas, satisfazendo, assim, à exigência da inteligência de obter uma visão coerente e global da realidade do cristianismo como obra de Deus, que se revelou em Jesus Cristo Salvador e que se prolonga por meio da Igreja, instituição fundada por Cristo, a fim de levar a mensagem da libertação integral a todos os povos de todos os tempos. Usando a razão, o cristão filósofo chega a descobrir, nos dados revelados, uma certa inteligibilidade imanente, os nexos internos entre os mistérios da fé e com o fim último do homem, como Leão XIII ensina com clareza na *Aeterni Patris*, afirmando que a reflexão racional sobre a revelação divina deve receber da parte da filosofia "a natureza, o hábito e o caráter de uma verdadeira ciência",[17] e que "a custo pode a fé esperar da razão socorros mais numerosos ou mais poderosos do que Tomás lhe ofereceu".[18]

Esta reflexão racional, que se refere constantemente às verdades da fé e se processa em união com a componente positivo-histórica da teologia, é de caráter

[16] Eis o famoso texto de Leão XIII na *Aeterni Patris*, no original e na forma completa: "Praeterea rationem, ut par est, a fide apprime distinguens, utramque tamen amice consocians, utriusque tum iura conservavit, tum dignitati consuluit, ita quidem ut ratio ad humanum fastigium Thomae pennis evecta, iam fere nequeat sublimius assurgere; neque fides a ratione fere possit plura aut validiora adiumenta praestolari, quam quae iam este per Thomam consecuta", p. 32.

[17] *Aeterni Patris*: "Solidissimis ita positis fundamentis, perpetuus et multiplex adhuc requiritur philosophiae usus, ut sacra Theologia naturam, habitum, ingeniumque verae scientiae suscipiat atque induat", p. 13.

[18] Cf. o texto original de Leão XIII citado por extenso na nota 16 acima.

instrumental. É imanente àquele processo, embora ele seja conduzido pela luz da fé, que ilumina a inteligência. É um processo lógico, articulado segundo os princípios filosóficos.

Não toda e qualquer filosofia possui esta idoneidade intrínseca de poder ser assumida neste processo científico-sistemático da reflexão sobre os dados da fé, que exige uma conexão indispensável com as evidências naturais da inteligência humana. Ficam excluídas deste processo inevitavelmente aquelas concepções filosóficas que são incompatíveis com a verdade natural e, com isso, também com a Revelação de Deus, verdade sobrenatural, como, por exemplo, o relativismo cético, a imanência materialista, a imanência idealista, etc. Contudo, a teologia, radicalmente independente em relação a qualquer sistema filosófico, está aerta para ouvir as instâncias críticas que as filosofias apresentam à ciência da fé cristã, a fim de poder dialogar em profundidade, de justificar-se cientificamente e de ser compreendida no serviço que está prestando à humanidade. Além disso, a ciência da fé cristã está aberta a qualquer filosofia, seja ela recente ou antiga, para receber contribuições de valor que possam ser integradas na síntese cristã dentro do contexto das legítimas exigêncas da vida concreta e da cultura do respectivo povo, como a Igreja o declara expressamente. Neste seu abrir-se amplo, a ciência da fé cristã (teologia sobrenatural) prefere sempre aquelas filosofias que se relacionam melhor, nas suas teses básicas, com os dados revelados, aceitando, em certas circunstâncias, um pluralismo filosófico sadio, resultante em virtude das diferentes culturas, línguas, regiões, etc., sem comprometer, porém, aquele núcleo fundamental de verdades perenemente válidas, que estão conexas intimamente com a revelação divina.

Precisamente nesta perspectiva construtiva, relacionada com a teologia especulativo-sistemática, o Magistério da Igreja refere-se especialmente a Santo Tomas de Aquino não só na encíclica *Aeterni Patris*, mas também recentemente no Concílio Vaticano II (cf. n.º 16 do documento *Optatam Totius*). A razão disso é que no pensamento deste filósofo se encontram estruturados organicamente os primeiros princípios da razão natural com a Revelação de Deus de uma forma tão sólida, profunda, flexível e dinâmica que possibilita uma legítima renovação da síntese continuada no futuro. Manifesta-se assim claramente o caráter instrumental original da filosofia em relação à fé cristã.

Qual é a razão profunda desta originalidade cristã da filosofia, deste colocar-se válido à disposição da fé cristã? A razão deste serviço filosófico original, referente às verdades reveladas em conceitos humanos para os homens, encontra-se no fato, acima já ilustrado, de que a filosofia, sendo um conhecimento da verdade, não pode não harmonizar com a verdade manifestada por Deus, fonte última de toda e qualquer verdade. A verdade não pode ofuscar a verdade, como a luz não pode obscurecer a luz. Daí, precisamente, resulta que a reflexão racional sobre os conteúdos da fé cristã, elevada ao nível científico por meio da verdadeira filosofia, está perfeitamente em condições de proporcionar, na medida do possível, um aprofundamento válido, embora instrumental, da compreensão da revelação divina, sem deturpar o seu genuíno significado. Daí resulta também que as filosofias ideológicas, dissociadas da evidência objetiva e da fé

cristã, são completamente incapazes de servir como instrumentos para dilucidar as verdades reveladas. Entrando em contato com o cristianismo, elas deturpam o seu conteúdo autêntico.

Se no processo racional, aplicado legitimamente aos dados da revelação divina para compreendê-los mais e melhor, o cristão instrumentaliza cientificamente a razão filosófica, as ideologias instrumentalizam tendenciosamente, para os seus fins pragmáticos, isentos do contexto da verdade, seja a filosofia, seja a mesma religião. Nem o próprio Jesus Cristo, Autor da religião revelada, escapa hoje daquele processo ideológico relativizante: Ele é considerado atualmente por tantos ideólogos ou como um homem do partido, ou como um sociólogo, ou como um revolucionário político, ou ainda de outra maneira inadmissível. Isso acontece, no atual mundo dessacralizado e confuso, porque se perdeu a legítima harmonia no relacionamento da razão e da fé, em conseqüência de um longo e gradativo afastamento do filosofar da realidade, começado no séc. XVI, resultando, como Leão XIII na *Aeterni Patris* deplora, "que os sistemas de filosofia se multiplicaram além da medida e que opiniões diversas, opostas entre si, repontaram, mesmo sobre as coisas mais importantes dos conhecimentos humanos".[19] Afastando-se do realismo da filosofia cristã, não só desapareceu a teologia sobrenatural especulativo-sistemática, mas também se multiplicaram, em nome da filosofia, nos ambientes racionalistas, idealistas e outros, atingidos pelo relativismo cético, tantas objeções graves e negações radicais em relação ao cristianismo. A confusão de idéias começou a atingir, em alguns países, até os filósofos católicos. Daí resultou uma necessidade urgente, que se sente agudamente de novo nos dias atuais, de recorrer a um serviço filosófico consistente para defender eficazmente o cristianismo.

Nesta perspectiva científica instrumental, era urgente, antes de tudo, restaurar no mundo católico a filosofia cristã. Este plano importante animava já, antes que penetrasse no espírito de Leão XIII, um bom número de filósofos católicos. A estes filósofos Leão XIII alude na *Aeterni Patris.*[20] Eles, insatisfeitos pela caótica situação filosófica da época, em prejuízo da fé cristã, buscaram ardorosamente os caminhos da renovação do pensamento profundo. Se esta renovação veio mais tarde, em 1879, com um documento solene e amplo de Leão XIII – a encíclica *Aeterni Patris* –, é justo afirmar que ela não tinha a direção de cima para baixo, mas de baixo para cima. A razão é que foi precisamente aquele movimento filosófico dos pensadores insatisfeitos com a situação reinante, conhecedores profundos e seguidores da filosofia tomista, que preparou e animou inte-

[19] "Adnitentibus enim novatoribus saeculi XVI, placuit philosophari citra quempiam ad fidem respectum, petita dataque vicissim potestate qualibet pro lubitu ingenioque excogitandi. Qua ex re pronum fuit, genera philosophiae plus aequo multiplicari, sententiasque diversas atque inter se pugnantes oriri etiam de iis rebus, quae sunt in humanis cognitionibus praecipuae." *Aeterni Patris*, p. 38.

[20] "Optimo itaque consilio cultores disciplinarum philosophicarum non pauci, cum ad instaurandam utiliter philosophiam novissime animum adiecerint, praeclaram Thomae Aquinatis doctrinam restituere, atque in pristinum decus vindicare studuerunt et student." *Aeterni Patris*, p. 40.

lectualmente o sábio Pontífice para publicar a mencionada encíclica, carta magna da filosofia cristã, restaurando oficialmente a filosofia patrística e escolástica, principalmente a do *príncipe e mestre* de todos os doutores escolásticos, Santo Tomás de Aquino. O objetivo desta restauração oficial foi revigorar a razão filosófica, para que ela, além de evoluir com perfeição num processo sistemático com solidez e abertura, concorresse funcionalmente, a fim de defender, como um instrumento válido, o cristianismo, ressaltando "os fundamentos inabaláveis da fé, a sua divina origem, a sua verdade certa, os motivos da persuasão, os benefícios que ela proporciona ao gênero humano, o seu perfeito acordo com a razão".[21]

Este programa vasto e bem estruturado, conserva, hoje, toda a sua atualidade. Presenciando a atual investida impetuosa do secularismo e do ateísmo programado contra o cristianismo, o direito e também o dever do cristão é recorrer à filosofia e submeter a um rigoroso exame crítico, gnosiológico, metafísico e ético, tudo o que prejudica de qualquer modo a fé e a sua sintonia com a razão. Justamente nesta disponibilidade oferecida, neste poder crítico evidencia-se a originalidade cristã da filosofia, que é instrumental e se consubstancia na sua capacidade defensiva das verdades da fé, conforme à situação concreta dos continentes e de cada um de seus povos.

Uma nova forma da instrumental originalidade cristã da filosofia, hoje muito significativa, resulta em virtude da mediação da razão filosófica no diálogo do cristão com as atuais ciências naturais, humanas e tenológicas. O enorme desenvolvimento destas ciências está penetrando de tal maneira na mentalidade e cultura hodierna que o cientificismo e tecnologismo estão virando uma verdadeira obsessão, fazendo esquecer os valores do cristianismo. Com o intuito de opor-se a esta ideologização das ciências naturais, históricas, antropológicas e técnicas, querendo, ao mesmo tempo, assumir os resultados válidos destas ciências florescentes, o cristianismo tem hoje uma tarefa urgente e importante: fomentar com todas estas ciências um contato aprofundado, a fim de conhecer melhor o homem e expressar melhor, hoje, o sentido autêntico das verdades reveladas, bem como eliminar o que é ideológico. Neste diálogo importante a filosofia pode e deve exercer a sua mediação entre a fé cristã e aquelas ciências.

Em que consiste esta função instrumental da filosofia em relação à síntese cristã hodierna? Ela consiste em exercer uma reflexão transdisciplinar aprofundada sobre as contribuições científicas multiformes e sobre a complexa problemática suscitada por elas, a fim de discernir entre o que vale e o que não vale, ressaltando os dados certos de valor permanente perante a razão humana e, por

[21] "Ad hos autem sanandos, et in gratiam cum fide catholica restituendos, praeter supernaturale Dei auxilium, nihil esse opportunius arbitramur, quam solidum Patrum et Scholasticorum doctrinam, qui firmissima fidei dundamenta, divinam illius originem, certam veritatem, argumenta quibus suadetur, beneficia in humanum genus collata, perfectamque cum ratione concordiam tanta evidentia et vi commonstrant, quanta flectendis mentibus vel maxime invitis et repugnantibus abunde sufficiat." *Aeterni Patris*, p. 41-42. Veja também as páginas 7 e 13 do referido opúsculo.

isso, também perante a Revelação de Deus. Fundamentando-se neste serviço filosófico auxiliar, a teologia pondera melhor o contributo oferecido pelas ciências experimentais, na perspectiva do enriquecimento da síntese cristã e da promoção da economia da salvação. Há hoje tantos dados novos, investigados pelas ciências positivas, como, por exemplo, dados que se referem às origens do homem e do mundo, à genética, ao subconsciente, à energia atômica, etc., que interessam vivamente a reflexão teológica. Recebendo um serviço garantido da parte da filosofia como mediadora, fiel a seu método e seus princípios próprios, a teologia progride com uma segurança e rapidez maiores, sem diminuir-se e sem cair no biologismo, no sociologismo, no historicismo, no parapsicologismo, etc. A teologia deve evitar tudo isso, pois o seu objeto específico – o mistério da salvação revelado por Deus – está além do campo da investigação científica experimental. Deste modo o cristianismo, instrumentalizando cientificamente a filosofia, proporciona, sem interferir no campo das ciências experimentais, uma mensagem teológica séria, compreensível para o mundo atual, evitando contaminações secularizantes e degradantes. Colaborando instrumentalmente com o cristianismo na elaboração da síntese abrangente, a filosofia concorre também para ampliar os horizontes da visão científica, referente ao homem, à sociedade e ao universo, indicando ao homem atual os valores mais altos e fazendo humanas todas as descobertas científicas. Sendo um momento imanente da teologia, a filosofia exerce, pois, uma função instrumental altamente benéfica no diálogo hodierno do cristão com o mundo secularizado, auxiliando-o a perceber os perigos do secularismo e do ateísmo, bem como a avaliar a necessidade da sabedoria para superar as graves crises, que hoje o estão atribulando dolorosamente.

6. CONCLUSÃO

Concluindo a presente investigação filosofológica, comemorativa do centenário da encíclica *Aeterni Patris*, de Leão XIII, a resposta ao complexo problema suscitado resulta clara e bem fundamentada: existe inegavelmente a originalidade cristã da filosofia, em virtude do ser o do agir do cristão, como de ontem, assim também de hoje, que exigem um uso profundo da razão e levam para a perfeição do filosofar. Esta originalidade ou novidade, pois, consiste, antes de tudo, na propriedade da filosofia de dispor a alma humana para a recepção da mensagem cristã. Esta mesma originalidade resulta também em virtude do novo caminho de filosofar que o cristão segue: um caminho fecundo dentro do pressuposto e universo das verdades da fé, que o filósofo sem fé não possui. Terceiro: a originalidade cristã da filosofia provém também dos novos conteúdos filosóficos, alcançados pelos cristãos em virtude das novas disposições espirituais. Finalmente, a originalidade cristã da filosofia manifesta-se pela sua disponibilidade instrumental válida, garantindo uma ordenação coerente dos dados revelados, defendendo-os com eficiência e promovendo o diálogo da teologia sobrenatural com as ciências positivas, hoje em grande progresso.

Esta originalidade multiforme – quadrimensional – exige do cristão de hoje uma tarefa árdua: conseguir que a filosofia, conservando a sua natureza racional e ligando-se à fé, contribua para vencer o terrível assalto do materialismo laicista e do ateísmo militante, bem como se empenhar, seguindo o exemplo original de Santo Tomás, Doutor Universal, para renovar a síntese cristã à base de novas análises e concorrer para incrementar o filosofar no mundo atual na perspectiva do último fim da pessoa humana, que é sobrenatural. A encíclica *Aeterni Patris* não obteve ainda todos os seus efeitos. Ela é hoje muito atual. À luz deste documento importante de Leão XIII, o cristão de hoje, homem novo, pode e deve atuar com ardor, tendo em vista a regeneração da vida e da cultura em todas as suas dimensões, conforme as exigências atuais da razão filosófica e do mundo hodierno em crise. Estas exigências fundamentais são as seguintes: exigência fenomenológica do concreto; exigência lógico-gnosiológica; exigência da abertura para uma visão metafísica da realidade, ressaltando a transcendência; exigência de uma interpretação ainda mais profunda e atualizada da liberdade humana, da justiça e do amor; exigência da humanização pluridimensional; exigência da cristianização e integração de valores; e, finalmente, exigência do diálogo transdisciplinar com as atuais ciências matemático-experimentais e técnicas, bem como de um diálogo crítico com as ideologias de hoje. Esta é a tarefa original do cristão-filósofo de hoje para os dias atuais: urgente, árdua, criativa, importante, correspondente à orientação da encíclica *Aeterni Patris*, de Leão XIII, consubstanciada na feliz expressão "vetera novis augere et perficere", lema do presente Congresso.

II

PRIMEIRO CONGRESSO MUNDIAL DE FILOSOFIA CRISTÃ

(CÓRDOBA, ARGENTINA, 21 DE OUTUBRO DE 1979)*

Convocado para falar neste ato solene, na presença de Vossa Excelência, Senhor Presidente da República Argentina, em nome de todos os eminentes filósofos vindos do exterior a Córdoba, a fim de participar do Primeiro Congresso Mundial de Filosofia Cristã, sinto a grande responsabilidade e a minha inadequação: *tremens factus sum et timeo* . . . Contudo, confiando em Deus e na compreensão de todos, atrevo-me a apresentar, em português, língua do vizinho país amigo – Brasil –, uma mensagem cristã. Faço-o também como Presidente da Associação Católica Interamericana de Filosofia, em nome dos membros associados.

A mensagem que trago é, antes de tudo, uma manifestação sincera de admiração e aplauso ao alto e sábio patrocínio de Vossa Excelência, Senhor Presidente da República Argentina, e do Governo de Vossa Excelência. Este vosso patrocínio generoso possibilitou a realização do Congresso Mundial de Filosofia, primeiro do gênero na História. Sendo inspirado pela sabedoria cristã, o vosso patrocínio não é logicamente senão um prolongamento feliz do gesto sumamente inteligente de confiar a solução do conhecido problema político, entre a Argentina e o Chile, à Sua Santidade, o Papa João Paulo II, presente neste Congresso comemorativo por meio de uma mensagem telegráfica, prestigiando, assim, no fim de 1979, a razão filosófica, unida à fé do cristão, como no começo deste mesmo ano deu seu apoio, em Puebla, à revelação de Deus. Senhor Presidente da República Argentina, o vosso gesto inspirado de querer sair do litígio por meio da razão, do diálogo e da mediação que vem do Alto, é filosófico por excelência e constitui um exemplo luminoso para o atual mundo trágico, exausto por uma louca corrida armamentista e pelo ódio. Senhor Presidente, daí resulta a nossa admiração e reconhecimento neste ato solene!

A nossa mensagem é também uma manifestação sincera de reconhecimento à Sua Eminência, Senhor Cardeal Raúl Francisco Primatesta, e a todo o Episcopado Argentino. O vosso prestígio, apoiando o presente Congresso, é de relevante importância para a causa da filosofia cristã, hoje.

Louvor e reconhecimento sincero também a todas as universidades argentinas, que, aderindo, incentivaram a confraternização filosófica de tamanha envergadura!

Uma gratidão especial aos egrégios filósofos Mons. Dr. Octávio Nicolás Derisi, Presidente da Comissão Organizadora do Congresso, bem como ao Professor Dr. Alberto Caturelli, Presidente da Comissão Executiva do Congresso, e a todos os outros pensadores que estão integrando a Sociedade Católica Argentina de Filosofia (SCAF), que se incumbiu oficialmente da árdua tarefa de levar a efeito o plano do Congresso Comemorativo. Lembro-me muito bem daquele longo colóquio, em julho de 1977, na cidade de São Paulo, Brasil, com o Amigo Professor Alberto Caturelli, durante o qual o egrégio filósofo, Primeiro Vice-Presidente da Associação Católica Interamericana de Filosofia (ACIF), aceitou o projeto elaborado no Conjunto de Pesquisa Filosófica (CONPEFIL), de São Paulo, ampliando-o em seguida, bem como conseguindo entusiasmar seus colegas argentinos para que a idéia se transformasse na realidade luminosa que hoje estamos presenciando reconhecidos.

A Argentina revelou-se, assim, mais uma vez, perante o mundo, um país forte filosoficamente, e não o decepcionou no cumprimento da árdua tarefa cultural. Louvor e agradecimento, pois, à Argentina! . . . Que este louvor agradecido inclua todas as entidades e pessoas que, de algum modo, concorreram e estão concorrendo, ainda, para o bom êxito deste Congresso!

Amigos congressitas, é lógico que na segunda parte desta mensagem ressaltemos – agora, ao iniciar os trabalhos – o objetivo da nossa presença aqui, entre os argentinos, tão generosos e hospitaleiros. Qual é a finalidade da nossa vinda? . . .

Esta finalidade é clara e nobre: comemorar o centenário da promulgação da encíclica *Aeterni Patris*, de Leão XIII, e desenvolver cientificamente, num esforço conjunto e coerente, o tema estabelecido numa conexão íntima com a dita comemoração: a filosofia do cristão, hoje. A nossa tarefa é, pois, a criatividade filosófica intensa, tendo em vista o luminoso exemplo e a doutrina de Santo Tomás de Aquino, bem como as legítimas exigências do tempo presente e as contribuições de outros doutores, criatividade, portanto, aberta, que se inspire no cristianismo e respeite todas as escolas filosóficas cristãs e outras, ainda, que estão buscando a verdade com sinceridade.

Esta criatividade filosófica encontra a sua inspiração, de certo modo, na metodologia do primeiro cristão filósofo São Paulo Apóstolo, praticada no Areópago de Atenas. São Paulo, pensador cristão vigoroso e sagaz, descobriu logo, naquele ambiente pagão, entregue à idolatria, influenciado pelos filósofos epicureus e estóicos, ávido de novidades, Deus Desconhecido, implícito no pensamento e no ativismo de Atenas. Na perspectiva desta descoberta feliz, São Paulo Apóstolo proclama logo o panenteísmo, evidenciando, assim, em virtude da contingência de todas as coisas, Deus como dimensão transcendente da antropologia: "Nele vivemos, nos movemos e somos" (Atos dos Apóstolos, 17; 28).

---

* Este pronunciamento do Prof. Ladusãns, que ilustra de modo especial o objetivo do Primeiro Congresso Mundial de Filosofia Cristã (primeiro na História), está publicado nas páginas 57-63 do 1.º volume das atas do mesmo congresso, *La filosofia del cristiano, hoy*, de cinco volumes, 2302 p., Universidade Nacional de Córdoba, Argentina, 1980-1984.

Encontrando hoje, um mundo semelhante, em grande parte, ao mundo pagão, isto é, um mundo neopaganizado, perturbado tragicamente pela adoração dos ídolos da riqueza, do poder desordenado, do prazer degradante, de glória vaidosa e pelas injustiças clamorsas, um mundo tão distanciado de Deus pelo radical ateísmo atual, e ao mesmo tempo tão sedento do Deus vivo desconhecido, também nós, cristãos filósofos do séc. XX, somos chamados a elaborar a filosofia do humanismo pluridimensional teocêntrico, que tenha a sua elevação e aperfeiçoamento em virtude do cristianismo.

Se, por um lado, o mencionado exemplo paulino do primeiro século nos encoraja a cultivar o pluralismo filosófico conforme as circunstâncias e exigências concretas do tempo presente, aquele mesmo exemplo nos move inequivocamente a ascultar as exigências da verdade, meta de criatividade filosófica. É ela – a verdade a ser procurada, encontrada e comunicada – que fundamenta a unidade no pluralismo filosófico das escolas, preservando da diversidade dispersiva e superficial, viciada pelo relativismo cético.

Precisamente é esta busca da verdade absoluta que nos move no Congresso, seguindo a legítima liberdade de investigação científica e de colóquio, a contribuir, para explicitar, coerente e sistematicamente, as implicações filosóficas positivo-críticas multiformes, existentes na vida e na atividade do cristão hodierno, bem como na apresentação do cristianismo aos homens e aos povos do nosso tempo, como o fizeram, no seu tempo, respectivamente, São Paulo Apóstolo, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, tomistas em seguida, e recentemente, os neotomistas como Jacques Maritain, Ètienne Gilson e muitos outros, bem numerosos também no Novo Mundo.

Procedendo assim, acrescentaremos algo de novo ao patrimônio filosófico perenemente válido, no qual o pensamento de Santo Tomás de Aquino ocupa um lugar de destaque. Deste modo, aproximaremos a filosofia às exigências do Concílio Vaticano II, que aguarda novas análises e sínteses, e, na América Latina, às expectativas de Puebla. Auxiliaremos, em virtude desta originalidade, a estruturar um argumento forte e convincente, de caráter existencial-lógico, em favor da filosofia cristã, hoje tão questionada e mal-entendida, que tem uma história de quase dois mil anos.

Amigos congressitas, somos perfeitamente conscientes de que nesta história, enraizada na filosofia grega, sobressai a figura extraordinária de um santo cristão-filósofo, que é Tomás de Aquino. A razão filosófica e a fé cristã, a santidade de vida e a filosofia encontram uma integração admirável na pessoa e na doutrina de Tomás de Aquino, sem perder aquela distinção nítida que o natural e o sobrenatural exigem inegavelmente. Por isso, Santo Tomás de Aquino encontra, na encíclica *Aeterni Patris*, um elogio de Leão XIII fora do comum.

Nosso objetivo é precisamente comemorar condignamente, neste Congresso, o centenário dessa encíclica (1879-1979), na qual o Papa Leão XIII (1810-1903) se empenha ardorosamente para restaurar a filosofia cristã, conforme o pensamento de Santo Tomás, tratando ampla e profundamente, na perspectiva tomista e do Concílio Vaticano I, sobre as relações entre a fé e a razão filosófica. Assim, o sábio papa, sendo também filósofo de inspiração tomista, como o atual, projeta muita luz para a solução aprofundada daquele problema fundamental, tão agudo nos dias atuais, que, se fechando sempre mais à transcendência, obstaculizam hostilmente a elaboração atualizada da síntese da razão e da fé, grande requisito da ação dos cristãos de hoje.

Daí brota a nossa homenagem reconhecida, seja ao sábio Papa Leão XIII, seja a Santo Tomás de Aquino, declarado na *Aeterni Patris* como "príncipe e mestre de todos os doutores escolásticos". Utilizando as conquistas anteriores ao séc. XIII, o Doutor Comum conseguiu elaborar uma síntese filosófico-teológica genial, que faz possível hoje, em virtude de seu dinamismo intrínseco, uma união renovada das conclusões válidas do pensamento tradicional com as novas conquistas do hodierno pensamento filosófico e das ciências experimentais.

Mais! . . . Tomás de Aquino demonstrou, com o exemplo de sua vida cristã, a importância da autêntica espiritualidade e da santidade para um filosofar fecundo. Esta precisamente é a necessidade urgente, hoje, não só para a formação dos candidatos ao Sacerdócio e da juventude em geral, que a encíclica contempla de um modo especial, mas também para os filósofos, que precisam da espiritualidade genuína como de um princípio integrante da educação permanente. Daí promana a razão, porque Leão XIII e os papas posteriores, incluindo o papa atual João Paulo II, se empenham com ardor para que Santo Tomás de Aquino transcenda os séculos e seja presente ao tempo em curso, seja conhecido originalmente nas fontes e contribua para o autêntico filosofar, não só com o seu método, seus princípios e sua doutrina, mas também com seu amor da verdade, auxiliando a conquistar a liberdade interior, a amplidão de vistas, a abertura ao diálogo com todos os setores da vida e da cultura, bem como com a revelação divina. É de capital importância este realismo integrante de amplos horizontes nos tempos atuais, marcados pela imanência sufocante. O exemplo de Santo Tomás é libertador, porque ele filosofou realisticamente com santa isenção, baseado "nas razões e nos princípios das coisas" (Leão XIII, na *Aeterni Patris*), e ensinou que a essência do filosofar consiste em saber "qual é a verdade das coisas" (De Coelo et Mundo, I; 22), não se importando quem diz, mas o que diz – "Ne respicias a quo, sed quod dicitur" (*Carta sobre o modo de estudar*).

Penetrando com este espírito na totalidade do real, o Filósofo aristotélico descobriu, com originalidade, a perfeição das perfeições – o ser ("actus essendi"), que se encontra participado em todos os entes como efeito comuníssimo, elevando o raciocínio, como ainda vários outros sinais da contingência do universo, ao Ser Subsistente ("Esse Subsistens"), absolutamente absoluto e necessário, Criador, Causa universalíssima e exclusiva do ser participado em tudo que existe (S. Theol., I, q. 2, a. 3: "cinco vias"). Assim filosofou Santo Tomás, conseguindo chegar até nós, graças ao seu realismo perene.

As evidências filosóficas, que ele descobriu e nos transmite, são capazes de motivar e animar o presente Congresso, a fim de que ele contribua para continuar e renovar criativamente a herdada síntese cristã, à base das análises hodiernas, ampliando-a organicamente com novas incorporações e aplicações. Leão XIII exige de nós esta criatividade sadia, quando estimula na encíclica "aumentar e aperfeiçoar o antigo pelo novo" e "receber de bom grado e com reconheci-

mento todo pensamento, toda invenção feliz, toda descoberta útil, venham de onde vierem", porém, antes examinando tudo à luz da evidência objetiva e da revelação divina, bem como ressaltando cientificamente, numa forma inteligível a mentes de hoje, a distinção e, ao mesmo tempo, a harmonia entre a razão e a fé, que constitui um dos problemas candentes do mundo hodierno.

Resulta, pois, que continuar o tomismo filosoficamente não é senão penetrar sempre mais e melhor com evidência nos amplíssimos domínios da verdade, à qual Tomás de Aquino serviu apaixonadamente, com humildade e generosidade incomuns.

A filosofia deste tipo possui a capacidade de transcender o recinto do Congresso e de iluminar hoje amplamente os homens e os povos, contribuindo eficazmente para levá-los à compreensão internacional e ao amor dos valores da plenitude da paz. É o nosso objetivo filosófico-social, tendo em vista as exigências atuais da justiça e da liberdade. Nesta perspectiva podemos e devemos contribuir positivamente muito, porque a filosofia é a ciência racional das últimas evidências da totalidade do real e como tal ela se identifica de uma ou de outra maneira com a linguagem interior do espírito, comum a todos os homens, enquanto visa os problemas humanos profundos, universalmente vividos no tempo e no espaço. Por isso, a filosofia une profundamente, precisamente porque leva a entender que todos os seres racionais têm a mesma origem, a mesma identidade essencial, o mesmo fim último e são fundamentalmente iguais. A filosofia é, pois, uma ciência profunda da fraternidade e da paz. Ela adquire um vigor ainda maior quando recebe reflexos da parte do cristianismo, que revela a mesma salvação para todos, alcançada através da Cruz do Calvário. A filosofia assim, unindo-se às verdades da fé cristã, evita o secularismo da razão e chega a beneficiar com uma força maior, sem perder a sua autonomia legítima, o homem todo e todos os homens, em todos os níveis culturais, ordenando-se decisivamente ao fim transcendente da pessoa humana, que na atual economia da salvação é sobrenatural. À luz desta integração, que não confunde a filosofia e a teologia, mas as harmoniza, brilha mais ainda o nosso horizonte, indicado claramente pelo tema geral do Congresso: a Filosofia do Cristão, Hoje. Que este tema original fecunde os nossos trabalhos em conjunto e faça eficiente a nossa comemoração, na perspectiva da árdua meta, consubstanciada na genuína e multiforme criatividade filosófica cristã!

III

DIÁLOGO ENTRE OS FILÓSOFOS CRISTÃOS E OS FÍSICOS

(UMA INTRODUÇÃO TEMÁTICA, AO 15.º COLÓQUIO FILOSÓFICO INTERNACIONAL)*

A minha tarefa consiste em introduzir tematicamente os participantes do 15.º Colóquio Filosófico Internacional.

Antes de tudo, saúdo-vos efusivamente em nome do Conjunto de Pesquisa Filosófica (CONPEFIL) e em nome da Associação Católica Interamericana de Filosofia (ACIF), entidades que organizaram o presente Colóquio Filosófico, encontrando o patrocínio amigo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e um amor generoso dos colaboradores presentes aqui e ausentes.

Dou boas-vindas a todos. Agradeço, desde já, a vossa participação na criatividade filosófica.

Boas-vindas aos brasileiros, donos da casa, que estão acolhendo fraternalmente os pensadores dos países amigos!

Procedendo alfabeticamente, dou boas-vindas aos argentinos, aos chilenos, aos equatorianos, aos espanhóis, aos italianos, aos mexicanos, aos norte-americanos, aos paraguaios, aos uruguaios e ainda a amigos de outras nacionalidades. Estão representando aqui cerca de 15 nacionalidades.

Uma saudação especial à juventude, que se faz tão presente aqui, qualitativa e quantitativamente! . . .

Sejam bem-vindos todos, para crescermos juntos pessoal e socialmente à luz da Verdade Subsistente, Que proclamou: ". . . conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres" (João, 8, 32).

Qual é o objetivo que nos congrega aqui, nesta comunidade pensante? – eis a pergunta inicial.

Esse objetivo primordial está expresso nitidamente no programa do Colóquio Filosófico: contribuir, através de um diálogo aberto e ordenado entre os físicos e os filósofos, na forma de uma investigação científica, para conhecer melhor, atualizar e revigorar a filosofia cristã, estimulando o seu serviço positivo-

---

* Pronunciamento, no dia 23 de julho de 1984, do Prof. Ladusãns, na qualidade de coordenador-geral do 15.º Colóquio Filosófico Internacional, realizado no Campus da PUC/RJ de 23 a 29 de julho de 1984, sob o seu patrocínio.

construtivo na promoção da cultura em todas as suas dimensões e na solução dos graves problemas humanos da atualidade, bem como ressaltando a exigência de uma crítica objetiva das ideologias.

Entre os graves problemas humanos da atualidade figura fundamentalmente a questão da verdadeira paz.

12 de novembro de 1983, Vaticano . . . O professor Dr. Carlos Chagas, Presidente da Pontifícia Academia das Ciências, abre, com um discurso de saudação e de homenagem ao papa João Paulo II, a sessão acadêmica sobre o tema: A Ciência ao Serviço da Paz.

João Paulo II, presente, pede aos acadêmicos e cientistas, no grave momento atual da história, "a caridade do saber que edifica a paz" (*L'Osservatore Romano*, edição portuguesa, de 20-11-1983, p. 6). Este apelo pontifício, repetido em seguida, constitui uma ressonância da súplica, feita em nome de Deus e dirigida ao mundo atual sem paz, já na sua primeira encíclica *Redemptor Hominis*: "Não mateis! Não prepareis para os homens destruições e extermínio! Pensai nos vossos irmãos que sofrem a fome e a miséria! Respeitai a dignidade e a liberdade de cada um" (no final do n.º 16 da Encíclica de 4 de março de 1979).

Em consonância com o Papa, apóstolo da verdadeira paz, o prof. Carlos Chagas, aqui presente, apresentou, em 1983, um projeto concreto de ação da mencionada Academia, "a fim de renovar o apelo a toda a humanidade, para que seja afastado o perigo de um holocausto nuclear . . . e para que se estabeleça no mundo uma paz justa e duradoura" (ibidem, p. 7).

O CONPEFIL e a ACIF enaltecem este apelo providencial, aderindo plenamente à orientação pontifícia através do presente Colóquio Filosófico: este colóquio está efetuando, na perspectiva da verdadeira paz, um diálogo positivo-construtivo e crítico ao mesmo tempo. O presente Colóquio entre os físicos e os filósofos é hoje urgente e importantíssimo, se analisarmos o atual mal-estar generalizado, que tem como raiz maligna aguda crise gnosiológico-metafísico-moral e religiosa. Os homens e os povos do mundo atual, ligados a Deus ontologicamente, não estão promovendo a re-ligação à Causa Primeira do universo através da religião, mas estão se desligando do Valor Supremo em proporções alarmantes . . .

A 33.ª Congregação Geral dos Jesuítas, realizada nos meses de setembro e outubro de 1933, esclarece bem esta crise trágica, apostasia da Realidade Suprema de Deus. Eis o que disseram então os Jesuítas congregados: "Contemplando o mundo, verificamos uma situação freqüentemente hostil à expansão do Reino de Deus. As ideologias dominantes e os sistemas políticos, econômicos, sociais e culturais impedem muitas vezes uma resposta adequada em plano nacional e internacional às necessidades mais elementares dos homens. Um materialismo difuso por toda parte e o culto exclusivo da autonomia humana obscurecem os espíritos e os cegam para as coisas divinas, deixando frios e vazios o coração e a mente de muitos. Daí a crise de fé, que se exprime no ateísmo teórico, prático e institucional. Negando-se reconhecer um Criador amante, os homens também conculcam a dignidade da pessoa humana e agridem o próprio ambiente natural. A pobreza e a fome generalizadas, a opressão brutal, a discriminação, a terrificante corrida armamentista e a ameaça nuclear, tudo isto torna patente a força do pecado no coração dos homens e no seio da sociedade contemporânea" (n.º 35).

O presente Colóquio não se limitará apenas a denunciar os males, que todos deploramos juntamente com os Jesuítas congregados no fim do ano de 1983, mas penetrará cientificamente a fundo nestes males, a fim de identificar-lhes as causas e oferecer os remédios salutares.

Daí precisamente resulta a necessidade de um diálogo ordenado na forma de uma pesquisa científica. Por isso, surgem as perguntas: Em que consiste este diálogo? O que é que possibilita e fundamenta um diálogo pluridimensional entre a física atual e a filosofia cristã, na perspectiva da genuína paz interna e externa dos homens e dos povos, hoje?

Respondendo a esta problemática complexa, ocorre esclarecer, antes de tudo, que o diálogo entre a física e a filosofia não deve ser entendido num sentido abstrato. Não se trata aqui da física como ente ideal, com o fundamento na realidade. Neste sentido, a física e a filosofia também têm o seu objeto formal específico, o seu campo de pesquisa e o seu método próprio. Elas se distinguem, por isso, entre si. Como tais, não dialogam entre si, não falam, não são capazes de compenetrar-se reciprocamente. São importantíssimas ambas, mas silenciam . . .

A razão disso é que o saber físico no seu ser abstrato, ser ideal, não existe, nem pode existir na realidade, embora tenha um fundamento no real. O que existe na realidade, como agente pensante, é a pessoa concreta e individual do físico. O que faz a física e produz a técnica correspondente não é a razão independente da pessoa, mas é o cientista existente concretamente, operando por meio da razão. Toda e qualquer concepção física, antes de ser escrita num volume ou em volumes, é uma ciência consciente do *eu* de um físico, ressaltando gnosiologicamente o caráter humanista do saber físico e de tudo o que dele depende.

O mesmo se verifica também no domínio filosófico. O que faz a filosofia não é a razão independente da pessoa humana, que filosofa. É o homem concreto, ser racional, detentor de uma certa experiência externa e interna, que reflete em profundidade, possuindo a capacidade real de dialogar, de comunicar-se com o outro.

Como o nosso filosofar não se dá sem o nosso *eu*, assim o nosso *eu* não existe senão ligado às circunstâncias concretas do tempo e do espaço, que constituem, num certo sentido, os pressupostos para a atividade filosófica. O mesmo ocorre também no caso da racionalidade física.

O pressuposto vivencial do cristão é a fé sobrenatural, que possui a sua credibilidade racional. Esta situação concreta, isto é, o hábito da fé cristã, racional, mas não racionalista, nem fideísta, confere hoje, como ontem, à criatividade filosófica do cristão um caráter especial, que beneficia o exercício profundo da razão. Surge, assim, a filosofia cristã. Ela distingue com nitidez entre a razão e a fé, indica claramente os limites, os direitos e os deveres de cada uma, integra-as científica e harmoniosamente. É justo, pois, falar da filosofia cristã, entendendo-a num sentido existencial. O que ela é?

A filosofia cristã significa uma ciência racional das últimas evidências da totalidade do real, constituída sistematicamente pela luz natural da razão. Ela existe hoje e na história de quase 20 séculos. Tem suas raízes na filosofia grega. Evoluía organicamente por um conjunto de temas novos e de conteúdos originais, alcançados racionalmente pelos cristãos, em virtude da influência criativa da Revelação de Deus. Os filósofos cristãos ampliaram e aprofundaram muito o saber filosófico. Entre eles sobressai Santo Tomás de Aquino, um exemplo vivo da criatividade filosófica também hoje, conforme o lema de Leão XIII, papa-filósofo: "vetera novis augere et perficere" ("aumentar e aperfeiçoar o antigo pelo novo").

Precisamente, o diálogo do filósofo cristão com o físico atual concorre para este *aumentar e aperfeiçoar o antigo pelo novo*, para ir com Santo Tomás além de Santo Tomás de Aquino, filósofo realista, estruturando hoje, à base do realismo pluridimensional, um diálogo fecundo com o pensamento contemporâneo. O presente Colóquio entre os eminentes físicos e os filósofos cristãos o patenteia inequivocamente.

A física atual é uma ciência experimental que tem um desenvolvimento impressionante. Ela estuda as propriedades dos corpos e as leis que regem o seu estado e o movimento. O que ela é exatamente hoje, não é fácil definir. Os eminentes físicos, aqui presentes, o dirão com competência, suscitando a respectiva problemática filosófica e estimulando, assim, o diálogo programado, sob o signo da verdadeira paz.

Uma pergunta importante emerge a esta altura: qual é o fundamento fundante, que possibilita, em última análise, o diálogo entre os filósofos e os físicos?

Este fundamento é a existência consciente no espírito de todos os físicos e dos filósofos, pelo menos de modo implícito, dos primeiros princípios da ciência, obtidos naturalmente por uma indução espontânea fácil em contato com a realidade, partindo da experiência humana integral.

Cada pessoa pensante possui, assim, naturalmente, as leis lógicas, imanentes ao pensamento, que possibilitam o reto pensar, fazendo evitar os sofismas.

O homem, mesmo o pré-filósofo, possui, assim também, os primeiros princípios gnosiológicos, que incitam a descobrir e a comunicar a verdade. O homem gravita naturalmente para o real, uno, verdadeiro, bom e belo . . .

O físico, pois, possui naturalmente e usa no seu itinerário da racionalidade todos os princípios lógicos e gnosiológicos, que o preservam do ceticismo, em todas as suas modalidades, embora ele não reflita para explicitar estes princípios fundamentais.

O filósofo o faz sistematicamente, podendo auxiliar assim o físico na perspectiva da integração de seu saber e podendo, por outro lado, aprender muito do físico, por exemplo, quanto à valorização da experiência organizada metodologicamente, quanto ao rigor e pureza em seguir a verificação intelectual, contida na reflexão completa, natural ao homem, que transcende e verifica toda e qualquer verificação experimental. É precisamente isso que possibilita e fecunda lógica e gnosiologicamente o diálogo entre o físico e o filósofo.

O mesmo vale também quanto ao campo metafísico. O físico possui naturalmente e usa implicitamente os primeiros princípios metafísicos, que regem e estruturam a realidade toda: princípio de não-contradição, de razão suficiente, de causalidade, de finalidade, etc. Estes primeiros princípios, presentes no espírito do físico, levam-no, ao abrir-se aos horizontes mais altos e vastos, a refletir sobre a origem, estrutura íntima e sobre o último fim do universo. Estes mesmos princípios movem o físico a questionar sobre o sentido último da ciência, da vida humana e da morte. Eles movem o físico, por conseguinte, a fundamentar, na Realidade do Ser Absoluto e Transcendente, a experiência humanista da ciência. Concorrem, assim, grandemente, os primeiros princípios metafísicos para a descoberta da Raiz Última do verdadeiro humanismo, preservando o físico dos erros do materialismo, do ateísmo e do panteísmo. Deus não destrói a dignidade humana, mas a fundamenta como Fonte Última da nossa felicidade.

A evidência da constância e da determinação finalística no microcosmo e no macrocosmo impõe-se ao espírito do cientista – em virtude dos primeiros princípios metafísicos – com tal força que ele se torna capaz de superar todos os preconceitos ideológicos, de elevar-se a descobrir a unidade ontológica na pluralidade das coisas orientadas para constituir um conjunto gradioso que se denomina, por isso, "uni-verso".

Assim as contribuições multiformes da física atual, embora incapazes de provar por si mesmas experimentalmente a Realidade de Deus, levam o físico, pelo menos de algum modo implícito e imperfeito, à reflexão metafísica de que é necessário admitir, dada a ordem no universo, o Ordenador Supremo, inteligentíssimo, imenso, onipotente, totalmente transcendente, Que tem as idéias da ordem do universo em Si e por Si Mesmo: Deus, Plenitude Infinita, Ser Subsistente. Evidencia-se, pois, assim, que a grandiosa teleologia do universo resulta em virtude da encarnação das idéias do Ordenador Supremo. Toda e qualquer ciência não é senão uma leitura racional no *livro* do universo, decifrando as idéias divinas, encarnadas transcendentemente na realidade finita que manifesta a sua insuficiência no ser, ressaltada ainda por outros sinais de contingência.

Por isso os grandes físicos de hoje são ou procuram ser também filósofos, harmonizando em si o hábito da ciência física e o hábito filosófico. Assim, por exemplo, o físico de renome mundial Karl Friedrich von Weizsäcker (nascido em 1912 e atuante hoje) é um filósofo notável. Se o seu nome está ligado às pesquisas sobre a fissão nuclear e sobre a origem do sistema planetário, como filósofo ele é incisivo em evidenciar a limitação intrínseca do saber físico, em ressaltar que além da imagem física do mundo há um mundo de valores, que transcendem o conhecer físico. Esclarece que este mundo de valores se consubstancia na relação fundamental do amor ao próximo, do *eu* para o *tu*, num movimento espiritual ascendente que se completa em Deus, Tu Supremo.

Constatamos, pois, inequivocamente, que o conhecer físico, embora distinto do conhecer filosófico, se alia ao filosofar, oferecendo-nos experimentalmente novos dados da experiência, base da filosofia. O físico enriquece assim o conhecimento dos sinais manifestativos da contingência do universo, contribui para a atualização do filosofar metafísico ainda com outras conquistas valiosas.

Mais! . . . No espírito dos físicos e dos filósofos, como universalmente em todos os homens, estão presentes também os primeiros princípios da ordem moral, obtidos naturalmente por uma indução espontânea e fácil, como, por exemplo, o princípio de fazer o bem e de evitar o mal, de respeitar a vida, a honra, a propriedade alheia, etc.

Estes princípios levam a constituir a Ética, isto é, uma ciência que versa sobre a retidão moral dos atos humanos, em conformidade com os últimos preceitos naturais da reta razão natural. Abrindo-se harmoniosamente à Revelação de Deus, a Ética adquire seu caráter cristão, preservando a própria racionalidade, que a especifica como uma disciplina filosófica.

Evidencia-se assim uma nova dimensão da fundamentação última do diálogo entre os físicos e os filósofos, possibilitando que eles, em conjunto, encontrem as soluções mais profundas de ordem jurídica e moral no mundo atual, voltado para a matéria, para a conquista desordenada do poder, para os permissivismos de toda sorte, numa crise espantosa que está obliterando, sempre mais, os valores eternos do espírito.

Daí resulta, pois, que a relação do diálogo interdisciplinar físico-filosófico se eleva, assumindo o caráter de uma relação transdisciplinar, enquanto se desloca para o domínio gnosiológico-metafísico-ético, que transcende todas as disciplinas particulares. Inculturando-se respeitosamente, com uma abertura penetrante, no espírito do físico, o filósofo descobre a presença atuante dos primeiros princípios lógicos, gnosiológicos, metafísicos e éticos, bem como uma problemática densa e tensa de ordem superior, que exige uma colaboração amiga da parte do filósofo cristão, a fim de auxiliar a integração multiforme na perspectiva da solução dos graves problemas da atualidade.

O processo metodológico deste diálogo transdisciplinar profundo, delicado, difícil e criativo, exige, pois, que o filósofo se integre competentemente no universo da física atual, a fim de poder, por sua vez, integrar sabiamente o conhecimento experimental do físico, que tende naturalmente para a autêntica cultura filosófica. Integrar-se, pois, para poder integrar! . . . Este encontro dialogal do filósofo com o físico beneficia, de modo especial, a filosofia, porque ela, atualizando-se e revigorando-se assim, torna-se realmente capaz de exercer a função de mediadora, enquanto discerne com competência entre o que vale e o que não vale como verdade no mundo da física atual perante a evidência objetiva e, por isso, também perante a Revelação de Deus, para que possam ser incorporados, organicamente, os valores autênticos na síntese do pensamento cristão.

Este filosofar integrante cristão é importante e urgente, hoje, quando não só a física se encontra numa certa crise, mas também a mesma filosofia, principalmente na sua dimensão metafísica.

Hoje existe uma tendência para esvaziar a filosofia de seu objeto próprio, isto é, para substituir a filosofia pelas ciências experimentais. É a tendência inspirada pelas correntes positivistas, neopositivistas e estruturalistas.

Segundo, para esta crise no campo filosófico devem ser responsabilizados, hoje, também aqueles teólogos que estão propugnando que os estudos teológicos

devam ser separados da especulação filosófica, confiando-os exclusivamente aos historiadores, aos filólogos e aos sociólogos.

Terceiro, para esta crise contribui negativamente também o caráter esotérico de algumas escolas da filosofia contemporânea, como as da fenomenologia, do existencialismo, do neopositivismo, etc., que estão cultivando o seu saber com tal tecnicidade no vocabulário, nas análises e argumentações, que se tornaram acessíveis apenas para os estudiosos altamente especializados. Além disso, estão delimitando demais o campo do filosofar.

Tudo isso obstacula muito hoje o diálogo construtivo entre os físicos e os filósofos. Porém, a filosofia cristã está ressurgindo vigorosamente. Revigorada e atualizada, ela contribui fundamentalmente para superar as mencionadas desintegrações, que dificultam o diálogo físico-filosófico na perspectiva integrante. A presente reflexão evidenciou que a consistência deste diálogo positivo-construtivo promana da plataforma comum das verdades fundamentais lógico-gnosiológicas e metafísico-éticas. Elas possibilitam uma sólida integração e a respectiva ação prática graças à inculturação filosófico-cristã, que no seu processo construtivo assume aquelas verdades fundamentais como requisitos necessários do desenvolvimento dialogal em todas as suas dimensões. Se a ameaça nuclear incute nos físicos um senso de responsabilidade e um susto angustiante, pensando num holocausto possível da humanidade, este processo dialogal contém em si uma força maravilhosa para levar os físicos e os tecnólogos a conscientizar-se profundamente que as questões sobre o sentido último da ciência física e da técnica, sobre o sentido do bem e do mal, da vida e da morte, sobre os valores absolutos, a dignidade do homem, seus direitos e deveres, sobre o escândalo das injustiças, das opressões e violências, sobre as leis do amor, da vontade, da liberdade e educação, sobre Deus como o último fundamento fundante da obrigação moral não podem encontrar soluções adequadas nas ciências físicas e tecnológicas, dado que os seus métodos e objetivos específicos são rigorosamente delimitados e parciais, sem possibilidade de atingir as últimas profundidades do real como totalidade, do homem como de um todo no seu ser e no seu agir teleológicos. A plenitude da solução de todas estas questões pertence à filosofia cristã, que na sua abertura racional amplíssima transcende os aspectos exteriores e parciais dos fenômenos e se refere à realidade total e a explica à luz das últimas evidências. Por isso, o colóquio competente entre os filósofos cristãos e os físicos é urgente, importante e pacificador por excelência.*

---

* As conclusões finais do 15.º Colóquio Filosófico Internacional, bem como as comunicações de seus relatores, físicos e filósofos, poderão ser encontradas nas atas deste mesmo Colóquio de seis dias, que serão publicadas oportunamente. Este Colóquio continua a série dos colóquios preparatórios do Segundo Congresso Mundial de Filosofia Cristã, que será realizado, tendo como tema Humanismo e a Filosofia Cristã, em 1986, no México, Monterrey, N.L.